

## A ESCRITA DO PSICOPEDAGOGO: SEUS SENTIDOS E SEUS LEITORES

## THE PSYCHOPEDAGOGUE'S WRITING: ITS MEANINGS AND IT READERS

Lauana Guerreiro Guollo<sup>1</sup>

Monica Pagel Eidelwein<sup>2</sup>

**RESUMO:** O presente trabalho tem como foco refletir sobre a escrita do psicopedagogo e seus sentidos, finalidades e significados, buscando compreender de que forma essa escrita pode contribuir para a prática profissional. A pesquisa, de caráter bibliográfico, foi desenvolvida a partir da análise de obras de referência de autores da área da Psicopedagogia e em campos correlatos, entre eles: Paín, Fernández, Meira, Tanis e Castilhos. Partindo de uma inquietação sobre o papel e os sentidos da escrita na atuação psicopedagógica, o estudo analisou produções teóricas que discutem o tema sob diferentes perspectivas. A investigação partiu de questionamentos relevantes, tendo como problema de pesquisa: **Como a escrita do psicopedagogo pode contribuir para a prática desse profissional?** A partir das análises e discussões, conclui-se que a produção escrita pode auxiliar o psicopedagogo em sua prática, bem como contribuir para outros profissionais, famílias e sujeitos em atendimento. A escrita desempenha um papel fundamental na prática psicopedagógica, pois possibilita **refletir, comunicar, orientar e produzir autoria**. Ao escrever, o sujeito encontra-se em permanente processo de construção, uma vez que aprender implica, como afirma Alicia Fernández (2001), reconhecer a passagem do tempo e assumir-se como **autor de seu próprio percurso**. Além disso, a escrita contribui significativamente para os diferentes leitores, família, escola, outros profissionais e o meio acadêmico, alcançando cada um de forma distinta. Isso ocorre porque cada leitor interpreta o texto a partir de sua própria história, vivências e conhecimentos, atribuindo sentidos singulares à escrita. Assim, o texto psicopedagógico se transforma em um espaço de **produção de novos saberes**, favorecendo o diálogo e ampliando as possibilidades de compreensão sobre o sujeito em processo de aprendizagem.

**Palavras-chave:** Escrita psicopedagógica; Autoria; Prática reflexiva; Comunicação; Aprendizagem

### ABSTRACT

This study aims to reflect on the writing of the psychopedagogue and its meanings, purposes, and implications, seeking to understand how such writing can contribute

<sup>1</sup> Graduada em Pedagogia; Pós Graduada em Psicopedagogia Clínica e Institucional. [lauanaguerreiroguollo@hotmail.com](mailto:lauanaguerreiroguollo@hotmail.com)

<sup>2</sup> Professora do Curso de Pós Graduação Psicopedagogia Clínica e Institucional da Universidade do Extremo Sul Catarinense- Unesc. [monica.abpprs@gmail.com](mailto:monica.abpprs@gmail.com)

to professional practice. The research, of a bibliographic nature, was developed through the analysis of reference works by authors in the field of Psychopedagogy and related areas, including Paín, Fernández, Meira, Tanis, and Castilhos. Originating from an inquiry into the role and meanings of writing within psychopedagogical practice, the study examined theoretical productions that address the theme from different perspectives. The investigation was guided by a central research question: *How can the writing of the psychopedagogue contribute to professional practice?*

Based on the analyses and discussions, it is concluded that written production can support the psychopedagogue in their practice as well as contribute to other professionals, families, and individuals receiving care. Writing plays a fundamental role in psychopedagogical work, as it enables reflection, communication, guidance, and the development of authorship. In the act of writing, the subject is in a continuous process of construction, since learning implies, as stated by Alicia Fernández (2001), recognizing the passage of time and assuming oneself as the author of one's own trajectory.

Furthermore, writing significantly contributes to different readers - families, schools, other professionals, and academic contexts - reaching each one in a distinct way. This occurs because each reader interprets the text based on their own history, experiences, and knowledge, attributing unique meanings to the writing. Thus, psychopedagogical writing becomes a space for the production of new knowledge, fostering dialogue and expanding possibilities for understanding the subject in the learning process.

**Keywords:** Psychopedagogical writing; Authorship; Reflective practice; Communication; Learning.

## Introdução

O percurso desta pesquisa nasce da inquietação acerca da escrita do psicopedagogo, seus sentidos, finalidades e significados, questionando até que ponto a produção escrita pode auxiliar o próprio profissional em sua prática psicopedagógica, os demais profissionais, as famílias e os sujeitos em atendimento.

Ao longo da trajetória acadêmica e profissional, muitas pessoas enfrentam dificuldades relacionadas à escrita, que são bastante comuns. Entre esses desafios, destacam-se a insegurança ao produzir textos, dúvidas sobre a melhor forma de comunicar resultados de práticas, limitações da linguagem ao transmitir experiências psicopedagógicas e o desejo de aprimorar a escrita acadêmica e formal. Esse aperfeiçoamento, entretanto, não acontece de um dia para o outro; ele exige esforço consciente e motivação por parte de quem escreve. Muitas vezes, essa postura crítica está ausente, fazendo com que o indivíduo repita padrões limitados, sem buscar aprofundamento ou qualificação, o que leva a produções

superficiais e à estagnação acadêmica.

As linhas de pesquisa adotadas pelas instituições de formação também influenciam na constituição de diferentes perfis profissionais, orientando trajetórias e enfoques específicos. Segundo Bossa (2007), esse processo pode ampliar a capacidade crítica e reflexiva do estudante ao oferecer espaços de construção e diálogo. Por outro lado, propostas muito restritas podem reduzir a formação a uma abordagem excessivamente técnica, limitando o potencial criativo e reflexivo do futuro profissional.

Nesse sentido, Geraldi (1997) destaca que a escrita deve ser vista como prática social, e não apenas como exercício escolar tradicional, pois ela carrega dimensões de identidade, autoria e construção de sentidos. Assim, o exercício da escrita compõe também a formação profissional, permitindo resgatar experiências e, simultaneamente, produzir reflexão.

Este estudo constitui-se como uma pesquisa bibliográfica que busca refletir sobre esses temas com base em diversos referenciais teóricos, valorizando a escrita como prática social, acadêmica e reflexiva. A importância do tema reside na possibilidade de contribuir para o campo psicopedagógico ao promover reflexões sobre a escrita como instrumento de qualificação na formação profissional, no aprimoramento da prática clínica e na ampliação dos recursos utilizados no acompanhamento dos sujeitos em processo de aprendizagem. Como aponta Paín (1985), na perspectiva psicopedagógica, a escrita é uma ferramenta mediadora capaz de integrar processos cognitivos e emocionais durante o aprendizado.

A estrutura deste trabalho está organizada iniciando com uma seção de Metodologia, que descreve os procedimentos utilizados na pesquisa; uma parte de Desenvolvimento dividida em três tópicos principais: “A escrita do psicopedagogo”, abordando seu papel na prática profissional; “A escrita do psicopedagogo e seus sentidos”, discutindo-a como prática simbólica e reflexiva; e “A escrita do psicopedagogo e seus leitores”, analisando os destinatários e os efeitos comunicativos dessa produção textual. Por fim, em “Entre o escrever e o ler: análises e discussões a partir de um olhar psicopedagógico”, são apresentadas as discussões e a análise crítica, encerrando-se com as considerações finais e as referências utilizadas no estudo.

## Metodologia

A presente pesquisa caracteriza-se como qualitativa, pois busca compreender os significados, sentidos e interpretações atribuídos à escrita psicopedagógica em sua prática profissional. Segundo Moresi (2003), a pesquisa qualitativa é capaz de revelar áreas de consenso — positivos ou negativos — nos padrões de respostas, além de identificar ideias que despertam reações significativas. Trata-se de uma abordagem voltada à compreensão da realidade social em sua complexidade, a qual não pode ser plenamente quantificada, exigindo, portanto, um olhar interpretativo e aprofundado.

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, desenvolvida a partir da análise de obras de referência na área da Psicopedagogia e áreas afins, com o intuito de embasar teoricamente a questão investigada. De acordo com Lakatos e Marconi (2003, p. 183) “[...] a pesquisa bibliográfica não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras”, sendo uma forma de investigação que envolve analisar de maneira crítica ideias e conceitos.

A investigação busca responder a seguinte questão-problema: **Como a escrita do psicopedagogo pode contribuir para a prática desse profissional?**

Com base no questionamento acima, o estudo foi organizado nos seguintes eixos principais: **“A escrita do psicopedagogo”**, abordando seu papel na prática profissional; **“A escrita do psicopedagogo e seus sentidos”**, discutindo-a como uma prática simbólica reflexiva; e **“A escrita do psicopedagogo e seus leitores”**.

A escolha pela pesquisa qualitativa de caráter bibliográfico deve-se à necessidade de compreender a escrita psicopedagógica não apenas como registro técnico, mas como prática simbólica, comunicativa e reflexiva. Esse percurso metodológico permite explorar diferentes concepções teóricas, identificar convergências e divergências entre autores e, a partir disso, sustentar uma análise crítica sobre as contribuições da escrita para a prática profissional.

## A escrita do psicopedagogo

Nesse processo de escrita, o sujeito-escritor transita entre emoção e razão, podendo constituir-se como sujeito-autor por meio da mobilidade entre os posicionamentos de ensinante e aprendente. Tal movimento o torna capaz de lidar tanto com o saber quanto com o não saber, afirmando-se, assim, como autor de pensamento e de conhecimento (Fernandez, 1991; 2001). Essa trajetória é singular, pois cada profissional imprime em sua escrita marcas de sua formação, de sua história e de sua constituição como sujeito e como psicopedagogo.

Segundo Tanis (2015), o ato de escrever, ao expressar e refletir sobre diferentes aspectos da experiência, possui em si mesmo um potencial revelador. Nesse sentido, os diferentes gêneros de escrita não apenas informam ou transmitem conhecimento, mas, enquanto gesto criativo, produzem novos saberes.

A escrita, contudo, apresenta limites, como menciona Tanis (2015): embora capte aspectos importantes da experiência humana, não consegue dar conta dela em sua totalidade, deixando sempre margens abertas à interpretação. Além disso, envolve um sofrimento inerente, pois exige esforço, escolhas e renúncias. Todavia, parte desse sofrimento pode ser considerada desnecessária quando associada à pretensão de “dizer tudo”, ilusão fadada ao fracasso, já que a linguagem é limitada e incapaz de esgotar completamente um tema. Como afirma Tanis (2015), o sofrimento se intensifica quando o sujeito busca a tarefa impossível de abarcar toda a realidade pela escrita, esquecendo-se de que sempre haverá lacunas.

A escrita no campo psicopedagógico pode configurar-se como um instrumento fundamental, que ultrapassa o simples ato de registrar informações. Trata-se de uma prática que assume múltiplos atributos e funções, uma vez que o psicopedagogo escreve para diferentes interlocutores, como a família, a escola, médicos, outros profissionais da saúde e da educação, ou até mesmo para si próprio, em um exercício de reflexão. Essa diversidade de destinatários confere aos documentos psicopedagógicos um caráter multidimensional, articulando registros, análises, interpretações e orientações.

Desse modo, ao escrever, o profissional da Psicopedagogia fala de algo, mas também fala de si, pois o modo de fazê-lo está relacionado a sua própria história, ou seja, ao falar de algo, fala também de si, mostrando-se a partir de sua escrita, quando se coloca como autor.

Esses registros escritos podem receber distintas denominações - estudo de caso, Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 9, nº2, julho/dezembro - 2025.– Curso de Pedagogia– UNESC

caso clínico, relatório de prática supervisionada, história clínica, relatório ou informe —, mas todos independentemente da nomenclatura, têm em comum o objetivo de sistematizar informações, sustentar o processo de intervenção e fomentar o diálogo interdisciplinar, favorecendo a compreensão do sujeito em sua singularidade.

A escrita psicopedagógica, nesse sentido, não se limita à função técnica ou burocrática: ela é também um espaço de autoria. O psicopedagogo se coloca como sujeito que, diante de seus pensamentos, consegue lidar com o saber e o não saber, construindo narrativas que sustentam a escuta e o olhar sobre o processo de aprendizagem. Refletir sobre a escrita do psicopedagogo significa reconhecer sua relevância como prática reflexiva, comunicativa e simbólica, capaz de potencializar a intervenção profissional e de contribuir para uma compreensão mais ampla do processo de constituição do sujeito.

### **A escrita do psicopedagogo e seus sentidos**

A escrita ocupa, na psicopedagogia, um lugar de construção contínua, em que as respostas não estão previamente prontas ou ditadas. Ela se configura como estímulo à reflexão, mantendo sempre uma abertura ao desconhecido e oferecendo margens para múltiplas interpretações. Como ressalta Tanis (2015), nenhum texto é capaz de dar conta plenamente da experiência, uma vez que esta pertence à ordem da limitação da linguagem. Nesse sentido, de acordo com o autor, escrever pode ser compreendido como arte e ofício, pois a escrita expressa, capta e cria saberes sobre a condição humana.

A escrita, na prática psicopedagógica, ultrapassa a função de simples registro e assume o papel de mediação entre o psicopedagogo, o sujeito em processo de aprendizagem e os diferentes contextos nos quais ele está inserido. Ao elaborar relatórios, estudos de caso, pareceres ou registros de acompanhamento, o psicopedagogo constrói narrativas que não apenas descrevem, mas interpretam e orientam, atribuindo sentidos que se articulam com a escuta e com a observação clínica.

Meira (2013, p. 108) elucidada:

Escrevemos muito, mesmo que, por vezes, contrariados e impedidos de reconhecer que a escrita pode ser, acima de uma tarefa a cumprir em cada ano da Formação, uma possibilidade privilegiada de nos havermos com nossas mais íntimas e intensas vivências.

A escrita nos conduz a experiências mais profundas, pois, ao registrar cada palavra e cada letra, estamos em constante processo de análise. Escrever implica pensar, refletir, discutir, rasurar e apagar. Conforme discute Ritvo (2000), os gestos de rasura e apagamento, introduzidos pela escrita psicanalítica, remetem à cena do analisante que afirma recordar algo.

No entanto, quando uma lembrança volta à nossa mente, ela nunca é exatamente igual ao que aconteceu de verdade. Isso acontece porque, ao trazê-la à tona, ela passa por filtros e censuras que ocorrem de forma inconsciente. Por isso, nunca conseguimos recuperar uma memória de maneira completamente fiel: cada vez que nos lembramos, ela já chega transformada, modificada pelo próprio ato de recordar.

Nesse contexto, compreender **a escrita do psicopedagogo e seus sentidos** significa reconhecer que cada documento produzido carrega marcas de uma autoria singular, em que emoção e razão se encontram para sustentar análises, hipóteses e propostas de intervenção. A escrita não é neutra: ela traduz a forma como o profissional percebe, interpreta e ressignifica o processo de aprendizagem do sujeito, possibilitando reflexões tanto para si mesmo quanto para outros interlocutores, como a família, a escola e demais profissionais.

Assim, estudar os sentidos atribuídos à escrita psicopedagógica torna-se relevante por permitir compreender sua função simbólica, reflexiva e comunicativa, evidenciando-a como instrumento de produção de conhecimento e de apoio à prática, logo compondo a formação do profissional da área.

Os sentidos da escrita na psicopedagogia vão muito além do simples registro. A escrita permite uma conexão com o nosso “eu” mais profundo, funcionando como espaço para relembrar, reviver, inovar e refletir. Nesse processo, o psicopedagogo não apenas descreve uma experiência, mas também se coloca em movimento de autoavaliação, resgatando pontos e vivências significativas que podem, futuramente, orientar sua prática e

auxiliar o sujeito em atendimento.

Ainda que, de imediato, as linhas escritas possam parecer fragmentadas ou pouco claras, ao serem revisitadas tornam-se reveladoras, pois possibilitam ao profissional repensar suas escolhas, seus atos e as alternativas possíveis em cada sessão. Assim, a escrita se transforma em um instrumento reflexivo, que alimenta a prática e sustenta o olhar clínico.

Trata-se de uma escrita autoral, que carrega marcas da singularidade de quem escreve. Como afirma Alicia Fernández (2001), o psicopedagogo assume a posição de “ensinante-aprendente”, constituindo-se como sujeito da autoria de pensamento, capaz de articular o saber e o não saber em seu percurso profissional.

Ao escrever, é exercitada a nossa capacidade de representar, significar e dar forma àquilo que não é visível ou imediatamente compreendido. A escrita do psicopedagogo não se limita a um registro técnico que apresenta apenas resultados finais; trata-se de um ato simbólico, uma forma de transformar vivências, afetos e percepções em linguagem, possibilitando pensar, comunicar e ressignificar o que foi experienciado no processo de aprendizagem.

Nesse movimento, o psicopedagogo organiza o pensamento e atribui sentido à experiência vivida, construindo narrativas que lhe permitem reconhecer o que sente, pensa e observa nas interações com o sujeito. Esse processo também possibilita que o próprio sujeito se reconheça no discurso do outro, favorecendo a compreensão mútua.

A escrita, portanto, cria um espaço de autoria, no qual o psicopedagogo articula o saber e o não saber. Alicia Fernández (2001) aborda essa dimensão da autoria ao afirmar que aprender não é algo pronto nem imediato, mas um processo construído no tempo e com o tempo, marcado por erros, descobertas, avanços e reelaborações. “Aprender supõe um reconhecimento da passagem do tempo, do processo construtivo, o qual remete, necessariamente, à autoria” (Fernández, p. 68, 2001).

À vista disso, a escrita possui a capacidade de provocar a reflexão, permitindo que o psicopedagogo pense sobre o que faz, por que faz e como faz. Assim, um simples registro vai além de seu caráter informativo, gerando pensamento sobre a própria prática, ao analisar, questionar e ressignificar as ações e situações vivenciadas no processo de aprendizagem do sujeito. Alicia Fernández (2001, p.69) expõe que “Aprender é construir espaços de autoria e,  
Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 9, nº2, julho/dezembro - 2025.– Curso de Pedagogia– UNESC

simultaneamente, é um modo de ressituar-se diante do passado”.

Com efeito, todo esse processo nos possibilita revisitar o passado, nossas vivências, experiências e crenças, fazendo com que o sujeito possa reconstruir-se de uma forma nova, reelaborando a própria história, trazendo novos significados para aquilo já que foi vivido.

Essa escrita torna-se um exercício de pensamento sobre o próprio fazer, pois conduz o profissional a refletir criticamente sobre suas ações e decisões. Nesse movimento, a escrita abre um espaço de análise e se configura como uma ferramenta de autoconhecimento pessoal e profissional, por meio da qual o psicopedagogo passa a compreender melhor seu modo de olhar e de atuar. Ao transformar a experiência prática em aprendizagem, a escrita contribui para a constituição do sujeito-autor, que reconhece em sua prática uma fonte constante de construção de saber.

Quando o Psicopedagogo escreve, ele o faz para si mesmo e também pode ter como destinatários a escola, a família, o médico, outros profissionais, o próprio sujeito em atendimento ou ainda tornando público o seu pensamento, através de produções científicas, voltadas à comunidade acadêmica. Dessa forma, a escrita estabelece uma ponte entre diferentes sujeitos e contextos, assumindo uma função comunicativa, ao mediar o diálogo entre o psicopedagogo e seus interlocutores. Nesse sentido, torna-se um instrumento de troca, diálogo e compartilhamento de sentidos, favorecendo a compreensão, o acompanhamento do processo de aprendizagem e o avanço científico da área.

Nessa perspectiva, a escrita do psicopedagogo pode ser compreendida em sua dimensão de autoria e mediação, destacando sua importância para a constituição do sujeito, para a prática profissional e para o diálogo interdisciplinar.

## **A escrita do psicopedagogo e seus leitores**

Ao escrever, o psicopedagogo sempre destina sua produção a alguém, seja com um propósito definido ou de forma mais espontânea. A interpretação dessa escrita, entretanto, depende de quem a recebe e de como a lê, uma vez que existe uma diversidade de sujeitos-leitores — família, escola, médicos, outros profissionais, o próprio sujeito em atendimento e a comunidade acadêmica —, cada qual atribuindo sentidos distintos ao texto

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 9, nº2, julho/dezembro - 2025.– Curso de Pedagogia– UNESC

produzido.

A forma como o leitor interpreta o texto está diretamente relacionada à sua própria constituição e às suas experiências. Assim, a escrita psicopedagógica encontra uma pluralidade de destinatários, e cada um deles lança sobre o texto um olhar particular, filtrado por sua história, formação e relação estabelecida entre o autor do texto e seus destinatários.

Segundo Castilhos (2009), a leitura pode ser comparada a um novelo de lã emaranhado, que precisa ser pacientemente desenredado pelo leitor. Os “nós” que compõem esse novelo se desfazem à medida que o leitor puxa a ponta inicial do fio — o texto —, trazendo para si o que o escritor oferece em suas palavras. Mas o leitor precisa captar a essência da escrita. Como menciona Castilhos: “Ler é fazer esse ato de puxar para si o que o escritor oferece em seu texto” (Castilhos, p. 12, 2009).

Nessa perspectiva, a escrita psicopedagógica requer um olhar atento e sensível quanto ao seu destinatário, pois cada leitor demanda uma forma específica de abordagem. À família, é fundamental comunicar-se com clareza e empatia, favorecendo a compreensão do processo de aprendizagem sem julgamentos. À escola, é necessário oferecer informações que contribuam para a prática pedagógica e para a adaptação de estratégias de ensino. Já aos profissionais da saúde a escrita deve apresentar observações que possibilitem a compreensão interdisciplinar do sujeito, promovendo o diálogo entre as diferentes áreas envolvidas para a compreensão da aprendizagem. Em relação à comunidade acadêmica, pode contribuir para a compreensão da complexidade dos processos de aprendizagem, possibilitando novos saberes e o avanço da área da Psicopedagogia.

A leitura, conforme sugere Castilhos (2009), pode ser compreendida como um ato de corte e de reconstrução do texto, no qual o leitor entra e sai dele constantemente, modificando-o e reescrevendo-o a partir de sua própria interpretação. Assim, ler torna-se também um ato de escrita, pois cada leitura produz novos sentidos e ressignifica o texto original. Ao ler, cada sujeito, a partir de sua própria história e de seus conhecimentos, ressignifica o texto, produzindo novas interpretações e atribuindo sentidos singulares ao que foi escrito.

Ao ler, buscamos compreender o que o autor deseja expressar, quais intenções e sentidos estão presentes em seu texto e que caminhos ele propõe para a interpretação e a

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 9, nº2, julho/dezembro - 2025.– Curso de Pedagogia– UNESC

construção de novos saberes. A leitura, portanto, é um movimento de descoberta e compreensão. Como afirma Manguel (1997, p. 21), “todos lemos a nós e ao mundo à nossa volta para vislumbrar o que somos e onde estamos. Lemos para compreender, ou para começar a compreender”.

A partir das contribuições dos autores estudados procurou-se analisar e refletir criticamente sobre as discussões apresentadas.

## **Entre o Escrever e o Ler: análises e discussões a partir de um olhar psicopedagógico**

A análise das escritas do psicopedagogo e das expectativas em torno do que e de como escrever foi problematizada, considerando que a escrita não é algo pronto ou moldado, mas uma construção do sujeito-autor. Escrever é um processo que exige do profissional conexão consigo mesmo, possibilitando pensar, repensar, apagar, reescrever e rasurar. É nesse movimento de elaboração e reconstrução que o psicopedagogo se constitui como sujeito-autor, atribuindo sentido ao que escreve e à própria prática.

A escrita do psicopedagogo vai muito além de um ato técnico; trata-se de uma oportunidade de posicionar-se como sujeito-autor, autorizando-se a pensar, refletir e ressignificar-se enquanto sujeito e profissional. A escrita carrega em si histórias, vivências e experiências, revelando aspectos do próprio escritor e tornando-se um espelho de sua trajetória. Assim, ao escrever, o psicopedagogo é convocado a questionar-se, indagar-se e refletir tanto sobre si mesmo quanto sobre o outro. Esse movimento o torna capaz de transitar entre o saber e o não saber, afirmando-se, como destaca Fernández (1991; 2001), autor de pensamento e de conhecimento.

Observa-se que a escrita pode auxiliar o psicopedagogo na organização das informações, permitindo-lhe pensar sobre o que já ocorreu e sobre o que ainda pode ser feito. Durante um atendimento psicopedagógico, seja ele direcionado a um indivíduo ou a um grupo, ao realizar registros sobre os acontecimentos e destacar os pontos mais relevantes, o profissional já inicia um processo de reflexão e análise sobre a sua prática. Posteriormente, ao retomar essas anotações, ele é capaz de reviver as vivências compartilhadas, repensar suas intervenções e identificar novas possibilidades de ação, buscando estratégias mais adequadas

para favorecer a aprendizagem.

Serafini (2006, p. 42) afirma que “esse modo de ler, para saber quem somos e onde estamos, lembra-nos a função da bússola, que nos orienta e nos direciona durante uma trajetória”. Nessa perspectiva, ler os próprios escritos torna-se um exercício de reflexão e orientação, pois permite ao psicopedagogo repensar suas ações e traçar novas estratégias.

Além disso, nota-se que a escrita psicopedagógica auxilia na condução do diálogo entre o psicopedagogo e seus diferentes destinatários, favorecendo uma compreensão mais ampla do processo de aprendizagem. Esse diálogo, mediado pela escrita, abre espaço para uma diversidade de interpretações, uma vez que cada leitor se orienta por suas próprias experiências, vivências e histórias, atribuindo sentidos singulares ao texto, de acordo com o olhar de cada leitor. Como menciona Castilhos (2009) podemos compreender a leitura como uma forma de aproximar-se do que o texto expressa, buscando entender o que o autor pretende retratar. Assim, ler é uma experiência de relação, em que o leitor se coloca diante do texto, interpretando-o e atribuindo-lhe sentidos.

Para concluir esta análise, pode-se afirmar que a escrita do psicopedagogo desempenha um papel essencial na construção do olhar e da escuta psicopedagógica, favorecendo uma compreensão mais profunda do processo de aprendizagem em toda a sua complexidade. Ao ler e refletir sobre seus próprios registros, o psicopedagogo passa a enxergar aspectos que, anteriormente, poderiam ser ignorados. Desse modo, considera o sujeito ou o grupo que está diante de si — alguém que carrega uma história, experiências e modos singulares de aprender. Ter esse olhar e escuta atenta é fundamental para o trabalho psicopedagógico, pois é nesse movimento de observação e reflexão que emergem indícios valiosos para orientar o processo de aprendizagem e as intervenções necessárias. Segundo Alicia Fernández (2001), aprender não se resume à aquisição de novas informações, mas implica um processo de reconstrução de si mesmo enquanto sujeito. Ao aprender, criamos um espaço de autoria, no qual atribuímos sentidos, interpretamos experiências, fazemos escolhas e decidimos como utilizar o que sabemos.

Desse modo, a escrita e a leitura são instrumentos de reflexão e autoria, que oportunizam ao psicopedagogo, não apenas registrar e analisar, mas reelaborar sua própria prática, ressignificando-se e tornando-se, a partir disso, sujeito-autor de pensamento e de

conhecimento, capaz de dialogar com diferentes interlocutores, a partir de sua produção.

## **Considerações finais**

Este estudo teve como foco principal a escrita do psicopedagogo, buscando compreender de que forma essa escrita pode contribuir para a prática profissional, bem como os significados, sentidos e interpretações que lhe são atribuídas no contexto da atuação psicopedagógica.

As reflexões apresentadas ao longo deste artigo demonstram que a escrita do psicopedagogo não se resume a um ato técnico, nem se limita a algo previamente definido ou pronto. Ela se constitui como um ato simbólico, marcado pela autoria, reflexão e comunicação. Ao escrever sobre sua própria prática e, posteriormente, reler suas produções, o psicopedagogo organiza seus pensamentos, reelabora suas experiências e identifica novas formas de compreender e intervir nos processos de aprendizagem.

Conclui-se que a escrita e a leitura do psicopedagogo configuram-se como instrumentos fundamentais para sua prática profissional, pois, além de desenvolver a autoria, possibilitam a condução do diálogo com diferentes destinatários e favorecem a construção de um olhar sensível e de uma escuta atenta. Ao registrar e refletir sobre os momentos vivenciados, o psicopedagogo desenvolve uma postura mais cuidadosa e empática, identificando estratégias que possam favorecer o processo de aprendizagem.

Durante o desenvolvimento deste estudo, surgiram algumas dificuldades, especialmente relacionadas à escassez de produções científicas específicas sobre a escrita do psicopedagogo, já que grande parte das publicações concentra-se na escrita, abordada por profissionais de outras áreas do conhecimento e voltada ao sujeito em atendimento clínico.

Essa limitação teórica levou a uma reflexão mais profunda sobre a importância e o significado dessa escrita, exigindo um trabalho cuidadoso de interpretação e articulação entre diferentes autores. Além disso, a própria análise apresentou desafios, pois refletir sobre a escrita psicopedagógica implica retomar o passado e, muitas vezes, reviver experiências, pensamentos e sentimentos, tornando o processo de pesquisa também um movimento de autoconhecimento e reelaboração pessoal.

Por fim, reconhece-se que a escrita psicopedagógica possui um poder simbólico, Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 9, nº2, julho/dezembro - 2025.– Curso de Pedagogia– UNESC

reflexivo e comunicativo. Ao reler seus próprios registros, o psicopedagogo assume o papel de interlocutor de si mesmo, buscando compreender, interpretar e ressignificar sua prática. Além disso, sua capacidade de estabelecer comunicação em diferentes contextos e com distintos interlocutores transforma essa escrita em uma ferramenta essencial para a prática psicopedagógica, fortalecendo o diálogo, ampliando as possibilidades de intervenção e contribuindo para a construção de um saber autoral e transformador.

## Referências

BOSSA, Nadia A. **A psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática**. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

CASTILHOS, Daniel Carneiro. *Escrevendo caminhos: uma experiência de leitura como construção de um psicopedagogo-leitor*. 2009. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação Especial e Processos Inclusivos)— Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

FERNÁNDEZ, Alicia. **A inteligência aprisionada: abordagem psicopedagógica clínica da criança e sua família**. Porto Alegre: Artmed, 1991.

FERNÁNDEZ, Alicia. *A mulher escondida na professora*. Tradução de Neusa K. Hickel. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001a.

FERNÁNDEZ, Alicia. *Os idiomas do aprendente*. Tradução de Neusa K. Hickel e Regina Sordi. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001b.

GERALDI, João Wanderley. **O texto na sala de aula**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1997.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo, SP: Atlas 2003.

MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MEIRA, Ana Cláudia Santos. **A escrita de casos clínicos em psicanálise: estudo de caso, descrição, relato ou narrativa?** *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 95-112, 2013.

MORESI, Eduardo. **Metodologia da pesquisa**. Brasília: Universidade Católica de Brasília, 2003.

PAÍN, Sara. **Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

TANIS, Bernardo. **A escrita, o relato clínico e suas implicações éticas na cultura informatizada**. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo, v. 49, n. 1, p. 175-184, 2015.

Ritvo, J. B. (2000). **O conceito de letra na obra de Lacan**. In *A prática da letra*. Rio de Janeiro, RJ: Escola da Letra Freudiana.

SERAFINI, Giovana de Castro Cavalcante. **Da tecitura do texto à construção do leitor: reflexões sobre o trabalho com as letras**. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.



# SABERES PEDAGÓGICOS

Revista do Curso de Graduação de Pedagogia - Unesc  
ISSN 2526-4559



Unesc  
Unidade Acadêmica  
de Humanidades,  
Ciências e Educação

